Sephi Alter

# Solstício

**http://www.arquivors.com/sephi_solsticio.pdf**

2006

## *Antes*

Paixão ou doença ou o quê? Isto de não viver se não for entre fileiras de livros. Estilo ai de vida ou de morte a riscar dentro do corpo colhido verde no cesto dia, fruta na estufa, strange stuff este, das inclinações, do querer morrer das obsessões poemas assim, ela veio, lenta consumpção, em forma de letra pássaro

O rouxinol apareceu primeiro em França. Um desejo de altura, um querer absurdo contrário à vontade urgente de ficar aqui rente às coisas. Voar alto e surdo sim mas por ouvir em demasia, absurdo por isso. Vento de Chopin, prazer de cair para cima ouvir em demasia e escuro ainda sem ter lido Keats, enamorado ainda sem saber de quem

Darkling I listen mas sem saber, sem ter lido, a ouvir em demasia só surdo por isso and many a time ainda néscio I have been half in love with easeful death mesmo ela mesma e não outra a cavar poços com a lua encantada lá dentro do pulmão esquerdo pois só o esquerdo só. Ai do lusíada dasilua coitado e o universo a dar o disco pedido

A aparição do rouxinol de letras conta-se em plena prosa. Por exemplo, um cavalheiro de escudo partido entra no centro comercial art de vivre, deixa-se levar pelo destino até à livraria até à secção dos dicionários onde pára frente aos castelhanos. Atraído por algum esquecimento, estende a mão para Le Judeo-espagnol e sem saber agarra outro

Outro livro. Idiomas. O cavalheiro néscio de judeus perdidos no azar do gesto que trás outro sem querer e ainda sem dar por isso agora já sem escudo nenhum abre ao acaso e lê pousado na página esquerda em cima um rossignol leve como love, that is not what it is e depois vertido de francês na língua de Castela por ali abaixo até ao rio

Explicação do dicionário. Idioma vendre un rossignol quer dizer impossível. Não se pode vender o impossível de vender, rouxinol é um livro na prateleira mais alta, em demasia, perda pura, canto para nada que por nada se troca que ninguém ouve além da noite. Ave sem corpo quase só som a acabar a cair. Eu?

Pulmão sem escudo a sair do mercado a ouvir o impossível dentro de tantos livros, best-sellers alguns com o invendável canto lá dentro, tantas línguas outras, a cair com a noite na lenta consumpção em forma de não saber o pronome da letra pássaro, a cair sem saber até à noite das noites, ao lado esquerdo das estações, no Inverno sem rouxinóis.

*Ó vós*
foi-se-me a memória
deitada ao rio
*Que amor obriga*
só por isso me dizem olá moisés
uma lembrança deitada às águas
*a ser sujeitos*
do esquecimento profundo mas mowgli
a rã talvez soasse melhor
*a diversas vontades*
um girino amnésico eu sou a memória
que perdi
*quando lerdes*
no rio letes ou tejo d'ouro
mondego ou guadiana
*em breve livro*
e pasmo que águas tão escuras se
deixem ler assim
*casos tam diversos*
como se para sempre a imagem do abandono
voltasse em cada onda
*verdades puras são e não*
numa espécie de surf homeopático
*defeitos*
sobre ironia fluindo
então leva o povo ao deserto, vai lá
*e sabei que segundo o*
discutir com os faraós, esfola o tigre
*amor*
assim tresleio as águas e os tempos
*tiverdes*
é que agora os faraós têm precisamente
o meu nome moisés mowgli
*tereis o entendimento*
e agora ó voz
*de meus versos*
ensina-me a despir a pele do tigre ou
abandona-me de novo mais fundo

caí
a jusante e
ainda
parece que as águas da fonte
lá em cima dão por isso
ouvem o mar ao fundo
e seguem caindo

nunca saibas
(canta o rouxinol)
o abismo sem tempo entre ramo e rio
jamais pudeste tocar as penas que se dissolvem

e o canto não pára não pára
de enlouquecer
escreve

## *Solstício*

Será possível ficar ligado a uma
tarde chuvosa, viciado numa data,
obrigado a frequentar um tempo espaçado
até às próprias cores e cheiros, para já
não falar dos sons que se perdiam
e do cansaço que numa espécie de
milagre se reconfortava. Ali abria-se o mar
vermelho de gente e passava-se a vau.
Metáfora não era ainda uma figura de estilo, era
eu. Ou então eu era uma figura
desfigurando-se, transfigurando-se sem poder
parar. Havia uma cara, havia caras aliás e
não seguras. Caras, boas ou más
caras a esconder os corações. Ó cara linda
que não deixas ver o coração, como eu te amo.
Como me separo aqui dos mestres da fábula
ávidos de te ver o por dentro, o segredo,
a víscera da galinha dos ovos de ouro. Esconde, nunca
mostres o teu coração, nem venhas terrível
com ele nas mãos, monstro ensanguentado
nas mãos. Deixa a cara acontecer se for o caso, de resto…
Havia –
Ali naquela mesa na data no sítio sento-me
a lançar de novo os dados, as figuras e as
pintas que só ali já não são e, parece,
continuarão sempre rolando.
Recanto doravante na memória que me
arrisco a celebrar como uma droga, presente envenenado,
salvação.
Quem abre as portas do tempo? Eu, a
metáfora sem travões? Lembro o dia ou
lembra-me o dia? O dia lembra-se de
me chamar ou sou eu a figura triste
de estilo que me dirijo para lá
como para comprar cigarros a horas mortas seja de
que marca for mas que se fume que se esqueça…

Há um livro pousado no ponto morto da história.
Parece um pássaro espantadiço mas
deixa-se folhear pelas mãos a arder baixinho.
Na capa, um filósofo, lá dentro um rouxinol.
Isto é mentira. O rouxinol, sou eu que o meto
lá dentro só hoje, a contratempo, na tentação do
luto, com a tentação de esquecer o luto, Filomela,
Bernardim, meus pobres livros, oh my ducats
oh my daugther, invendáveis, Ofélia, Santa Iria,
Dinamene, Rodrigues Lobo, Paul Celan, Maumarié,
terríveis afogados rouxinóis, dinossauros, mortos vivos
a cantar pelados no esquecimento com as
penas a doer, secas já.

Rouxinóis não havia no dia
cantado. Fraco dia, forte dia
não sei, mas livre, mais do que esse
muito que a palavra absoluto gostaria de querer dizer
quando diz o pouco que diz. Dia descansado,
impassível às penas, angústias literárias,
tentativas para adoecê-lo, passaranoias roxas.
A tarde vinha por dentro só.

O amigo acenava por detrás das grades.
Mandava-lhe notícias com uma lima dentro.

O inimigo chamava por entre as quadrículas.
Mandava-lhe uma lâmina de barbear poesias.

Na capa do livro, Heidegger parece, ele
sim, o pássaro. Tem as asas cortadas e
sonhos de tigre. Pássaro tigre quase pouco
arrependido de ter cantado a matança.
Para poetas e pássaros o canto substitui
a matança. Cantamos por entre ramos
lutamos em beleza pelo espaço e pelo
sexo enquanto a matança vai crescendo
no espírito, nascendo do espírito, encarnando
do espírito embalada nas mais belas
e mais altas árvores do bosque nas
mais sublimes harmonias e nasce no corpo a
matança e cresce na música do
espírito do alto dos ramos até ser
a matança propriamente dita e estar aqui
ao pé da gente a cantar e nós os pássaros
quase pouco arrependidos só queríamos continuar
a sonhar com as notas perdidas
na clareira onde a matança se
resolve e há sangue no amarelo dos sorrisos.

Talvez se dessem razões para a doçura
daquela tarde. Coisas contáveis até certo
ponto. Só, já se sabe. Além do ponto de
saber morrer a razão pára ou talvez seja aquém que pára
ou então já parou no antes ou no depois da morte,
livre razão de parar à beira do abismo ou de não parar e
dar o passo todo em sonho de mestria. Ela pode. E por aí perder a morte.
E pode calar-se. Caluda. Uma boa razão
há-de ser caluda.
O tempo convidava então, e sabia bem parar
à beira das paisagens filosóficas.
Pudéssemos agora imitar o outrora. Deixar
a diferença dolorosa de matar e morrer do outro lado.

Solstício, ensina-me a
respeitar o segredo e era ali mesmo,
hoje, já longe da tarde, que a razão queria entrar
na lâmina animal, a violência…
A noite a inchar, a traição dos amigos
desaguava na luz de mil regressos.

Talvez se dessem razões para
a doçura. Como se o regresso do sol deixasse
sentir a fonte. Sentir aqui nos ouvidos,
na carne, nas mãos, sobretudo na palma,
na cova, como que a cabeça recém nascida
do tempo a dar-se de novo. E o espanto
de ela
não ter aquela forma macacal dos nossos
crânios ensanguentados. Antes uma língua,
a cabeça nova do tempo, quente, mas q.b.,
agradável ao toque.

Uma lista de amigos. Inscritos que, fora do mar das paixões e do sangue, serão os únicos que me podem e a quem eu posso trair. Um Dois Três Quatro Cinco Seis Sete Fim. Não acrescentaria mais uma cifra só que fosse, sem cruzar a fronteira de amizade que o segredo destes nomes desenha. Amizade não sentida por mais ou menos afecto mas só pela traição, pelo horizonte possível do impossível. Surpreende-me o serem apenas sete. Já sabia, adivinhava, contá-los pelos dedos mas estava à espera que fossem mais, que fossem dez. Um amigo para cada dedo ter-me-ia sossegado. Assim, sete, não há sossego. Nem sete anões nem sete estrelas me prometem a paz. E dos sete dias da criação, da sete-mana, o sábado, sadabado, stop, sapato, obrigação demasiado inquietante, o cabo dos trabalhos. Sete amigos ora mortos ora feridos, escreveram ou vão escrevendo. Mas que raio de lista é esta? Será possível atenuar o ridículo de exibir amigos contados? Eu tenho sete amigos. Como é que isto vai soar aos ouvidos dos excluídos? E aos dos incluídos que a partir de amanhã me podem ler o caderno, que têm acesso ao por cima do meu ombro, o Sete, por exemplo, ou o Seis ou o Cinco. Só se ler for sempre ler por cima de um ombro. E de facto, ao Dois, ao Três é assim que os leio. Será isto a amizade? O dar-se um ombro, um apoio feito de sombra, um miradoiro sem balaustrada sobre as devastações da luz, os escombros? A leitura seria então um caminho para a amizade até ao alto de um ombro. Antes disso, ficaria aquém de si mesma, aquém da amizade e da traição. Mas bolas são tantos os ausentes nesta lista gravada com o gesto de lançar as sortes. Porque é que o Oito, por exemplo, não veio à baila, ele que é sem dúvida a maior paixão, o poeta dos poetas, a lucidez das lucidezas, a liberdade da liberdade? Será que o amor assim superlativo não chega à amizade nem à leitura? Talvez que eu ainda não leia o Oito, que a minha língua dele ainda não lhe chegue ao ombro. Ou talvez já se deva falar, neste caso, de traição.

Escrita. Da música, das palavras,
dos gestos e sabe-se lá de que águas mais.
Alef-bet, visível ou não
visível, palpável ou fora de alcance, lá vai…
a afagar, a arranhar se houver corpo, se ouvir
proclamação, leitura, deitada ao pó, ao
pó do pó, às cinzas da cinza, até às areias da areia,
o som do som, o ser do ser

Mozart. O rádio escreve-me no ar e durante alguns minutos sou a sinfonia número quarenta em sol menor, sou-o de um modo e num mundo onde morrer não custa, apesar da tristeza que não se esvai de todo, vai sendo cada vez mais leve larará larará larará laa enquanto belo e perigo aumentam. Chega o momento da durchführung [aqui deve um compositor mostrar o que vale, realizar, executar, pôr em pratica, dirigir o rebanho dos sons]. Reina aquela enorme beleza, intensificando-se, prometendo glórias terminais, graças, mercês, de um Mozart führer, mais três compassos destes e seria o fim da macacada. As células rebentariam, incapazes de suportar a temperatura. Mozart, é claro, pára, como sempre, antes da catástrofe. Abdica, desacelera muda de rumo, desvia-se do sol, e eu sinfonia chego vivo aos acordes finais.

Mas aqui em Lisboa estou em França.
Não há nada a fazer.
É assim, uma condição, a França.
O acesso à língua portuguesa tem de passar, é a vida,
pela França. Pobre língua
indefesa, que logo abdicas dos teus idiomas
para te afrancesares em todos os contactos
com o lá fora *[na tradução para português os textos galicizam-se sempre, o que não deixa de ser misterioso quando o original é inglês ou alemão].*
Para já é assim. Para haver texto em português indígena
há que contar com a França.
É pois de lá que finjo dar notícias, em luta
perdida pelo idioma. Como se só se pudesse alcançar
um português daqui levando o corpo até aos confins do
exílio. À França eu estudo eu amo eu cultivo e hei-de
trazê-la para cá transfigurada, raptada,
dando um novo sopro a estas palavras portugalesas
em vez de inadvertidamente continuar a balbuciá-las
numa língua sem lugar.

Esta voz de solstício, sem porquê,
é de lá que soa.
O, por assim dizer, milagre da restauração era
ali, literalmente, naquele restaurante da
rue de l'ouest. Ufa! O fio não quebrou.
O carrossel continua. O Planeta alonga-se
a girar preso à órbita e o pensamento
livre de sair pela tangente.

Começa o Inverno. A noite é a mais
noite de todas as noites e vem
de ombros escuros

por sobre as encostas leio
cartas que devo escrever

Caro inimigo meu, poeta, homem de coroa de ilha na cabeça,
penso em ti muitas vezes, chamo-te deus, chamo-te nomes e
depois corrijo para amigo, caro assassino, político meu.
Recordarei sempre o fogo nas tuas mãos nos teus olhos e no
som dos dizeres sem língua à saída da boca naquela hora que dói,
penso no dia em que vinhas queimar papéis impuros, queimar a
história insuportável daquela casa, a tal casa, a certa, a ruinosa
grande casa, de Heidegger, clareira aberta a golpes de machado,
queimar «de quantas árvores abatidas se faz a casa do ser»?
Vinhas do alto. E ao que parece eu estava protegido contra alturas.
Impuros, os papéis sempre eram guardas chuva de anjos. Tiveras
vindo na face e já só seria cinzas.

Além do apoio, sobre os ombros da noite, a vista dava para o incêndio,
dava a distância, a devastação, as colunas de versos tombadas, erguidas,
tombadas, erguidas, tombadamente erguidas

Como é possível estar em
paz nesta mesa do canto.
Restaurante de especialidades
orientais na rue de l'ouest.
Comida má, sem sabor. Chá
de jasmim doloroso na boca
até aos dentes e contudo antes
aqui do que ali, aqui descansarei
numa almofada macia de
contradições. O ocidente da rua, o oriente da casa. Lá fora a chuva, cá dentro
a linguagem, conversa que não sei como é que sei não ser chinês. Porque a música
também sabe dizer não? Como é que isto chega para me descansar? Como é que se
ressuscita a partir das sem razões doces que me acolhem agora? Vai passar… penso que
vai passar como a chuva.

Camões. A sombra reflectida na vitrina
ameaça o sossego do tempo instalado. Um
limite quebrando-se, uma tormenta a dar-se
cabo seria inadmissível na sala. Ombro, não venhas
agora com o teu rosto de Adamastor, de terra, de
solidão, de vontade infinita sem nenhum poder
além de ser o fim. Vem, se te agrada, tomar rapé.
Senta-te aí como no quadro do Chagall ou no
retrato de Goa. Olha, revela-me o segredo. Como é
que ele conseguiu pintar-te o retrato antes de ter nascido?

Ao fundo da pitada, o artista pôs uma estrela
com uma palavra dentro מות
antes das vogais, sem
pronúncia, quase som,
água, onda, costa, onda
na praia rebentando,
algo chegando ao fim
quer dizer
morrer e o sentido cala
o
sentido…

Ainda sem coragem de abrir donner la mort de Jacques Derrida, rouxinol pousado no alto da estante,
encosto-me aos lusíadas e de repente brilham os famosos dentes
«Que uns aos outros se dão aa morte dura»
Dar à morte, dar a morte, ó distância desmedida que aproximas duas línguas,
abririas as asas do livro na diferença de dar entre à e a?
Por ali passou o longe de ser mestre, o que já não queria ser senhor de nada ou talvez só deste nome
ou talvez não.

Sigo atrás de Jacob
confiança sem voz
deserto a acabar num poço
mar a acabar a coxear num barco
sem vacilar vacilando.

Quem dá o quê a quem? Quem tem a morte para dar, q vem?

Dádivas correntes: eu dou-te a pobreza, dou-te espaço no bolso, dou-te um pêssego nos queixos.
Ela dá-se assim, a língua, na verdade.

E dá-se este tecido comentário de angústia
ao livro pousado, rouxinol, por abrir.
Nunca li o livro. Parado à porta, o dedo,
o medo vai na direcção da porta, a mão quase toca na porta,
a ruína da casa começa ali na porta.

Poemas há que soam a rios de sangue
jorrando de pulsos cortados.
Parece que dizem a vida toda enquanto
se vão matando e os braços de gestos
declamatórios cada vez menos amplos
caindo até à paz.

Eu desvio o olhar.
Terá a ver com o nervo vago, disseram-me,
isto de perder os sentidos à vista do sangue.
Nem tento pensar a ferida, forte como a vida,
recuso o dom, empréstimo ou transfusão que seja
de tanto sangue recuso ficar a dever.

Deito os olhos fora do poema,
deito fora e reparo nas datas,
assombrado por serem todos do século vinte
estes auto-, enormes poemas, imensos poemas,
belíssimos, dos melhores, dos maiores poetas
do século vinte.

«Queria estar longe da beleza do século vinte»
disse o patinho feio. E entrou no Inverno.

## *Depois*

Há um livro… o Carlos Queirós diz que ele é singular e eu queria sabê-lo de cor, ao livro jamais encontrado mas que, de certeza, há, algures em alguma estante, ou já deitado ao lixo, o livro bálsamo que prestes, quem sabe, a ser incinerado nos salvaria de todos os apertos; um livro escrito que me salvasse da escrita e me desse o sono agora.
Só meio acredito no poema, só meio acredito no livro que há-de haver e há-de vir a ser o último. O último livro. É a esse que a insónia busca para perder nele os dons, os tons do apocalipse mais que prematuros.
O mundo acaba quando não se dorme; é como se já fosse o fim e a ressurreição um castigo pela noite fora.

A linguagem chama. A velha chama, António. E chama docemente. Queima como quem ama. Tu lá foste, ainda sem cura, atrás dela escrevendo, só. Eu vi no espelho da casa de banho uma caveira parecida com as dos outros e pedi socorro. A turba acudiu. Veio sobre os pulmões com mocas e varapaus e dentes e bateu e roeu a vida ao bacilo de Koch que já recua e levam-me até aquela infância que tu julgaste perdida e que afinal, eis aqui, é só uma questão de antibióticos, António, de arte, de guerra contra a vida alheia em prol da vida própria. É terrível, é horrivelmente injusto este sempre ter de lutar; apetecia desistir, fazer objecção de consciência, largar este tempo, António, e ir ter com ela. Mas a velha mente sobre o tempo, aproveita-se, abusa da nossa ignorância de nomes e pronomes. Porque estes eus, tus, eles, nós, vós que nos dizemos e chamamos, sobretudo os eus, acontecimentos que nos ultrapassam, talvez sejam bacilos e vírus e serpentes e inimigos iguaizinhos a nós com os gestos mortíferos tirados a papel químico. Eu bacilo de Koch. Tuberculose hara kiri na vertente ocidental, um suicídio uma vitória sem interesse para quem gostaria tanto de abandonar a luta.
Vieram com o tempo, os antibióticos e dão-me de volta a infância; entregam ao futuro um menino que vai adormecer sem escrita, António, mas quereria acordar com ela, a cotovia, com a escrita, a cotovia que fale, despertador rápido, antes do seio de deus que é donde ele veio.

Às vezes, muitas, demasiadas vezes, o alfabeto cai como um raio sobre a cabeça do homem. Olho em volta, pelo prédio, pela rua, pelo bairro e pelo passado fora e reparo que, de facto, é o homem e não a mulher que mais vezes leva com o abc na cabeça, os médicos escrevem avc mas a dona maria não se deixa enganar e pronuncia distintamente abc com a voz triste já sem luto, O manel teve outro abc, É o diabo dona maria, é o diabo, diz a vizinha. E sobre marias, maneis e vizinhos paira aquele alívio dos começos, da chegada dos messias, o fim da espera, até que enfim vai começar a doença, o filme, a missa. O mundo vai mudar.
O abc, o alfabeto, vem direito à cabeça, o homem perde os sentidos e se não houver maior desgraça, ressuscita em afasia algum tempo depois. Mudo, de novo no início, infante, indefeso, salvo, renascido, agora já sem alegria. Mas que raio de salvação é esta? É o diabo, dona maria, é o diabo.

*Ensina-me a despir a pele do tigre*
*Ou abandona-me de novo mais fundo*

Afinal não era bem isso talvez estivesses ou fosses a pele do tigre e tirá-la o próprio abandono a prece pede e não sabe o que pede nem sequer sabe pedir e tem uma esperança surda uma esperança absurda de não ser atendida a prece não sabe bem que não quer ser atendida algo vem não se sabe bem o quê e era o que se tinha pedido sem saber e é terrível quando chega mesmo e dói para quê? Para que se saiba que se estava mesmo a pedi-las? Tento na língua quem mo dá? se ela corta deverei calar-me?
Peço então um cabo para o corpo da prece uma ponta em que se lhe pegue e não isto em que não sei o que peço não sei de que se trata na pele do tigre o que é que vem a ser isso de pele do tigre tigre a arder brilhante nas florestas da noite e peço que não me abandones mesmo que eu o peça mesmo que eu não saiba o que peço e esteja mesmo a pedi-las sem saber e se às vezes amo a solidão é não sei porquê mas não me abandones agora